

Educação em tempos de pandemia: um retrato das percepções dos licenciandos sobre o momento vivenciado.

Giovanni Codeça da Silva¹

Naira Almeida Lopes Precioso Sampaio²

Rodrigo Lobato³

RESUMO

O presente artigo teve como objetivo mapear como os licenciandos de História vivenciaram a mudança de modalidade presencial para o ensino remoto virtual? Suas percepções em relação ao uso das tecnologias no ensino? A significação dos saberes? O impacto sobre suas formações e práticas educativas? E seus conhecimentos sobre as metodologias envolvidas? As respostas quantitativas permitiram traçar um panorama da relação do licenciando em História da Universidade Veiga de Almeida com as novas TICD. A maioria dos licenciandos/historiadores perceberam com bons olhos as escolhas realizadas pela Universidade no processo de virtualização de suas presencialidade, porém a maioria não conseguiu diferenciar através as disciplinas online das disciplinas virtualizadas. Outro ponto crítico tem relação com as dificuldades de acesso, ora devido a conexão de internet, ora pela ausência das ferramentas básicas; computadores e/ou celulares. Este sinalizador demonstra a fragilidade e a vulnerabilidade que a população se encontra quando falamos em uso de internet.

Palavras-chave: Educação em tempos de pandemia. uso das tecnologias no ensino. percepções dos licenciandos.

1. Introdução

Nas últimas semanas de 2019 uma ameaça global começou seu percurso de morte, sofrimento e dor. Com perplexidade a população mundial assistiu ao longo de 2020 a propagação do Coronavírus, o SARS-CoV-2, e rapidamente os números de casos de infectados e o de óbitos ganharam as manchetes dos jornais. A correria cotidiana foi dando lugar ao isolamento social. As famílias sentiram o afastamento de seus entes, a economia sentiu a chegada da crise e as escolas foram fechando suas portas e buscando novos meios de seguir realizando suas atividades. Após alguns meses, entre discursos negacionistas que insistiam em propalar inverdades sobre a pandemia e as falas realistas sobre a necessidade de

¹ Doutor em Letras Neolatinas (UFRJ), professor da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ) e coordenador e professor na Universidade Veiga de Almeida (UVA);

² Licenciada em História pela Universidade Veiga de Almeida (UVA);

³ Doutor em Geografia pela UFRJ, Professor do Instituto Federal Fluminense, Macaé.

manutenção de medidas de segurança como distanciamento social, uso de máscara e vacinação; a educação apresentou uma vigorosa capacidade de resposta ao novo momento. Embora, rápida e em alguns casos eficiente, a resposta dada pela educação foi se revelando excludente e promotora de uma desigualdade escolar ainda maior entre ricos e pobres.

A pandemia de Covid-19 nos impôs desde as semanas iniciais diversas reflexões ligadas ao tipo de sociedade que estamos construindo: qual o valor da vida numa sociedade desumanizada? Quais os valores fundamentais devem ser priorizados? Quais os limites das liberdades individuais ou será o homem um ser coletivo? A crise aguçou o que existe de pior na natureza humana ou basta olhar de perto para enxergar o racismo e os preconceitos que sempre habitaram em nós? Em contexto de reclusão social as mulheres possuem direitos ou seu direito é calar frente a escalada da violência? Na pós-modernidade e com todo acesso à informação prevalecerá a ciência, a *fake news* ou meramente a opinião particularizada e infundada?

Essas reflexões poderiam facilmente materializar o temor que o historiador inglês Eric Hobsbawm sentia em relação a juventude e sua relação com a memória do século XX. O historiador olhava a necropolítica, os autoritarismos, os machismos e os patriarcados como ações humanas abomináveis que deveriam ser superadas, porém, dificilmente para ele a explicação da permanência destas práticas poderiam estar assentada na exaltação da bestialidade humana, ou seja, no negacionismo infundado contra a ciência que alicerça esta distopia humana que vivemos. Assim, foi neste cenário pré-existente que a pandemia de Covid-19 se alastrou e aprofundou algumas questões.

Diante da proporção alarmante de contaminação e de sua alta letalidade a Organização Mundial da Saúde (OMS) e alguns países passaram, através da mídia, a realizar uma forte campanha de conscientização das medidas de saúde e de restrição de contato. Estabelecendo um protocolo no qual o isolamento social, o uso de máscaras e a assepsia das mãos eram ações essenciais. Em quatorze de março do mesmo ano, o Brasil embora sob o discurso de um governo negacionista, se alinhou a comunidade internacional, colocando em prática o decreto nº 40.520 que determinava o imediato fechamento das instituições de educação, públicas e privadas. Para assegurar que as atividades educacionais não fossem interrompidas por completo o governo ampliou a prática da modalidade de ensino a distância (EaD) previsto na

Lei 9.394 de 1996 em seu artigo 34, parágrafo 4º, e na Lei 9.057 de 2017, assim colocando em prática um ensino remoto emergencial (ERE) utilizando do aparato existente para a EaD.

Nossa proposta de investigação, devido às limitações e restrições impostas pela pandemia, bem como, seguindo os cuidados necessários com o outro e com os pesquisadores e pesquisados envolvidos, restringiu-se a dialogar com o universo do curso de Licenciatura em História da Universidade Veiga de Almeida. Nosso objetivo foi mapear como os licenciandos de História vivenciaram a mudança de modalidade presencial para o ensino remoto virtual? Suas percepções em relação ao uso das tecnologias no ensino? A significação dos saberes? O impacto sobre suas formações e práticas educativas? E seus conhecimentos sobre as metodologias envolvidas?

2. Referencial Teórico

As bases teóricas desta pesquisa possuem como ponto de partida o pensamento de Patrícia Alejandra Behar (2020), que nos coloca de partida uma marcada distinção entre o Ensino a Distância e o Ensino Remoto Emergencial, segundo a autora a utilização do termo ensino remoto emergencial diz respeito a condições muito específicas vivenciadas devido ao contexto pandêmico de Covid-19. Assim, o ensino remoto remete a compreensão de que existe um distanciamento espacialmente geográfico forçado – devido a pandemia – entre os docentes e discentes. Seu caráter emergencial decorre da forma como ele foi implementado, pois não ocorreu através de um processo discutido e formulado a partir do chão da escola, pelo contrário, diante da gravidade dos fatos ocorreu através da imposição por força da Lei, daí decorrendo sua emergência.

Esse caráter emergente impactou decisivamente sobre o processo de ensino-aprendizagem, bem como, sobre os conteúdos e sobre as habilidades e competências que deveriam ser desenvolvidas. Isto porque os currículos da educação básica e superior estavam ajustados para a modalidade presencial, com um planejamento já desenvolvido e iniciado no mundo físico do chão das escolas e instituições de ensino superior. Logo, seu caráter emergencial visava minorar os impactos sobre a aprendizagem dos discentes, sem ter ao certo um planejamento de quanto tempo iria durar e qual grau de autonomia as unidades escolares e instituições de ensino superior teriam para seus ajustes.

Embora a educação a distância não seja uma novidade no Brasil, haja vista o pioneirismo do Instituto Universal Brasileiro que iniciou suas atividades em 1941, ofertando cursos profissionalizantes, técnicos e um supletivo para conclusão da educação básica, todos credenciados pelo Conselho Estadual de Educação de São Paulo (CEE-SP). Se olharmos para além das fronteiras nacionais facilmente encontramos registros de atividades de ensino a distância que remonta ao século XVIII, quando em 1728 na cidade de Boston, Cauleb Phillips, anunciou o curso de taquigrafia a distância. A estes se seguiram no século XIX o anúncio da formação em taquigrafia na Suécia e posteriormente na Inglaterra. Mas foi em 1856, na cidade de Berlim, que Charles Toussaint e Gustav Langenscheidt, iniciaram as atividades de ensino de línguas a distância baseada numa escola.

O que podemos assegurar é que os investimentos e tentativas de avançar a educação a distância que vinham num crescente desde os anos 2000 – devido a uma nova lógica educacional atrelada aos interesses do mercado neoliberal, foram alavancados definitivamente pela situação de educação remota emergencial causada pelo Covid-19. Esse processo iniciado no final da década de 1990 esteve sempre muito atrelado a educação superior e ao uso das ferramentas digitais para formação em cursos superiores. Não havia uma preocupação direta com adaptações metodológicas e tampouco em levar os discentes ao desenvolvimento de habilidades e competências ligadas ao uso e significação do conhecimento mediado por essas tecnologias. Essa situação muitas vezes afastou os discentes e impossibilitou o crescimento do setor, pois parte do empresariado ligado a implementação do ensino a distância optou pela maximização dos lucros, e assim estabeleceu tratamento comercial a educação e fazendo desta forma de gerir o negócio a principal porta de entrada do ensino a distância no País.

A partir desta relação entre a lucratividade e a educação passou a ocorrer no Brasil, e em outras países, uma opção por um modelo de ensino a distância de baixo custo. Esta opção impactou diretamente na relação ensino-aprendizagem pois sem investimentos reais e pagamento justo aos docentes que se implementou foi um modelo instrucional. Anatoly Lunacharsky (1917) definiu a instrução como um modelo de transmissão de conhecimento pronto e acabado que deve ser ministrado do professor para o aluno, em um fluxo unidirecional.

Com relação a transferência da presencialidade do ensino para a modalidade remota motivada pela pandemia de covid-19, devemos considerar que o processo não decorreu de

uma mera conversão entre modalidades. Os professores necessitaram adequar-se as ferramentas de mediação, adaptar suas aulas a estas ferramentas, repensar as metodologias e garantir a inclusão e o respeito neste novo espaço educacional. Segundo José Valente (2014), esta conversão de modalidades, somada as necessidades produzidas pela pós-modernidade, poderiam encontrar no uso adequado das TICD uma resposta interessante que viesse a agregar interação, metodologias diferenciadas e velocidade.

3. Metodologia

Nas Ciências Humanas e em especial no campo da Educação existe uma tendência predominante pelo uso do método qualitativo nas pesquisas. Essa opção decorre do processo de formação dos pesquisadores, das afinidades com o *habitus* e o campo (Bourdieu, 1974) que fazem uso recorrente da escuta, de entrevistas, de questionários com perguntas abertas pois assim propiciam uma ambiência de troca entre o pesquisador e seu objeto de estudo.

A opção para esta pesquisa se deu pela metodologia quantitativa. Essa opção não desconsiderou a possibilidade do uso do método qualitativo, inclusive, caso ocorram desdobramentos e sequência para este estudo, iremos trilhar o caminho metodológico do refinamento das respostas através de técnicas que compõem o quadro da pesquisa qualitativa. Optamos pelo método quantitativo pois buscamos nesta fase mapear a compreensão dos discentes de humanas sobre o ensino a distância, suas metodologias, a significação do conhecimento e sua percepção sobre a educação e o mercado de trabalho impactado pela pandemia de covid-19

A metodologia utilizada nesta pesquisa tem por base a coleta de informações e sua quantificação através do uso de questionários – o *survey*. De acordo com Babbie (1999) o *survey* (questionário) pode ser construído com três finalidades: a primeira objetivando mapear os detalhes distintivos entre os que respondem o questionário – questionário descritivo; o segundo é o questionário criado para investigar e assim resultar em novas variantes, ou seja, um questionário que prepara para uma segunda etapa – questionário de exploração; e o terceiro são os questionários que com suas respostas apontam explicações generalistas – questionários explicativos. O *survey* é caracterizado por um conjunto de questões fechadas, ou

seja, que sugerem respostas objetivas padronizadas que possibilitam sua quantificação e assim permitem a composição de um cenário generalista sobre a questão que se deseja investigar.

O questionário foi elaborado no *google forms* e convencionamos como métrica ofertar cem por cento de questionários abrangendo assim os 116 discentes do curso de Licenciatura em História. O *link* do questionário foi distribuído para os discentes através do grupo de informes do *whatsapp* – um grupo de comunicações diretas da coordenação com os discentes. Juntamente com o questionário foi a informação de que se tratava de um questionário investigativo sobre o processo de virtualização ocorrido no curso devido a pandemia. Foi informado que não existia a obrigatoriedade da resposta e que não haveria identificação dos que respondessem, apenas um mapeamento das condições socioeconômicas envolvidas e que pudessem interferir no processo de ensino-aprendizagem. O questionário não identificado foi construído com dezoito questões assim distribuídas:

01 - Período que está cursando? 02 – Em qual região você reside? 03 – Qual a sua idade? 04 – Qual a renda familiar total dos que residem com você? 05 – Qual tipo de instituição de ensino onde cursou ensino médio? 06– Que tipo de internet você possui para acessar as aulas? 07 – Qual(is) equipamento(s) disponível(is) você possui para acessar remotamente as aulas? 08 – O que é ensino a distância? 09 – Qual percentual, de acordo com a Lei, o ensino presencial pode ter em disciplinas online? 10 – O que são disciplinas online? 11 – O que são disciplinas presenciais virtualizadas? 12 – O que são aulas assíncronas? 13 – O que são aulas síncronas? 14 – Quais das metodologias abaixo você identifica como passíveis de uso na educação a distância? 15 – Como as novas TICD colaboraram para o prosseguimento dos estudos de forma remota? 16 – A pandemia alterou o mercado de trabalho? 17 – Como você observa a relação das novas TICD e o mercado de trabalho docente? 18 – Quais competências você considera essenciais para atuar no mercado de trabalho docente pós-pandemia? 19 – Quais ferramentas abaixo você vem utilizando ao longo de sua formação como licenciando? 20 – Qual(ais) fatores dificultam seu processo de ensino-aprendizagem?

4. Análise e Discussão dos Dados

Atualmente o curso de Licenciatura em História da Universidade Veiga de Almeida possui duas matrizes curriculares em curso. Uma construída em 2017, após um longo período de dez anos sem alterações, logo uma matriz defasada que havia sido construída num período que os cursos de licenciatura eram pensados como arremedos dos bacharelados, com o Revista Tecnologias na Educação – Ano 13 – Número/Vol.36 – Edição Temática XVII - Fórum Práxis Educativas e Chão da Escola - tecnologiasnaeducacao.pro.br / tecedu.pro.br

agravante de possuírem apenas seis semestres. Os cursos de bacharelado, em especial nas Universidade públicas, possuíam uma matriz de oito semestres e a complementação para se tornarem licenciados ocorria com a adição de mais três ou quatro semestres dedicados a formação pedagógica.

Os cursos de Licenciatura de seis semestres possuíam assim uma defasagem de formação que era agravada com a inserção de disciplinas pedagógicas pouco alinhadas ao mercado de trabalho. Porém, a Resolução CNE/CO nº 2, de 1º de julho de 2015, prorrogada a pela Resolução CNE/CO nº 3, de 03 de outubro de 2018, definiu que a formação do licenciado deveria atender ao critério mínimo de 3.200 horas tendo no mínimo oito semestres para sua integralização. Assim, atendendo a legislação vigente e atentos ao mercado de trabalho e as novas competência habilidades exigidas na formação do licenciando, disciplinas de formação pedagógica passaram a integrar a matriz de forma conectada com as disciplinas de formação específica.

Após três anos, em 2020, uma nova matriz foi construída como fruto dos debates realizados no Colegiado de Curso e no Núcleo Docente Estruturante. Esta nova matriz curricular contemplava as reflexões surgidas com a aceleração das novas TICD e seus impactos no chão da escola. Foram decisivos para essa construção a experiência advinda dos programas da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) e do Residência Pedagógica pois permitiram acompanhar o desenvolvimento dos licenciandos e em parceria com os docentes supervisores e tutores das escolas públicas, realizar análise dos fatores positivos e daqueles que necessitavam atenção. Outro ponto importantíssimo na composição desta nova matriz foi a incorporação da cultura do “fazer na prática” denominado pelos usos do estrangeirismo de cultura *maker*.

Os discentes apresentaram níveis de compreensão e respostas similares, variando de acordo com o período que estavam cursando a universidade, a renda familiar que possuíam, e suas idades. Assim, de forma geral das 116 ofertas de preenchimento de questionários, 101 discentes aceitaram o convite de participar da consulta. Destes 101 discentes que participaram 42% afirmaram possuir uma conexão de internet em suas residências funcionando através do *wifi*, 37% acessavam utilizando os dados móveis de seus celulares, 21% não possuíam qualquer tipo particular de acesso a internet e desta forma faziam os seguintes usos – 16%

utilizavam sinal de *wifi* de vizinhos, parentes e redes abertas; e 5% acessavam do trabalho ou na própria UVA.

A pergunta sobre o equipamento utilizado para acessar as aulas remotas revelaram que 56% dos discentes utilizavam exclusivamente seus celulares, 14% utilizavam seus computadores residenciais e/ou celulares, 9% utilizavam computadores externos (trabalho ou UVA) e celulares, e 8% acessavam exclusivamente de computadores residenciais. Já 13% dos discentes dependiam exclusivamente de computadores externos, ou seja, necessitavam sair de suas casas para acessarem as aulas. Esses computadores poderiam ser na casa de familiares ou vizinhos 8%, poderiam estar no trabalho 3%, ou para 2% eram os computadores do laboratório de informática da UVA

Na questão sobre o ensino a distância as respostas apresentaram uma variação de acordo com o período e a idade, assim obtivemos os seguintes números: entre os 54 discentes dos primeiros períodos (matriz 2020), 26 assinalaram a alternativa incorreta – optando pela definição de ensino remoto emergencial, destes 18 eram discentes de 18 aos 30 anos de idade, e 8 eram discentes acima dos 30 anos. Por outro lado 28 discentes assinalaram a opção correta, sendo 17 discentes entre os 18 e 30 anos de idade, e 11 discentes acima dos 30 anos. Em relação aos 47 discentes dos últimos períodos foram 32 acertos sendo 23 para discentes acima dos 30 anos e 9 para discentes entre 18 e 30 anos.

A pergunta específica sobre a legislação que regula o percentual de disciplinas online em um curso presencial apenas 12 discentes acertaram e todos eles acima dos 30 anos de idade na matriz 2017. Sobre o conhecimento do conceito de disciplinas assíncronas 99 discentes acertaram a resposta. Sobre o que seriam disciplinas síncronas o acerto ocorreu para 97 discentes. Ainda sobre respostas majoritárias 93 discentes afirmaram que o mercado de trabalho docente mudou em virtude da pandemia de Covid-19 e esta mudança estaria associada aos usos das novas TICD.

Outro grupo de questões pulverizou as respostas dos licenciandos. A questão sobre as disciplinas online apontou em suas respostas uma confusão entre esta disciplina e as disciplinas presenciais virtualizadas, assim, 63 discentes assinalaram a opção incorreta para disciplinas online, bem como, 76 discentes apontaram a opção incorreta para disciplinas presenciais virtualizadas. A questão sobre quais ferramentas os discentes utilizam (questão

que aceitava mais de uma resposta) obtivemos o seguinte resultado: 101 discentes apontaram o whatsapp; 92 discentes utilizam o *Instagram*; 83 utilizam o youtube; 75 utilizam *Facebook*; 61 utilizam *Tiktok*, 49 utilizam Twitter; 36 utilizam o *anchor*; e 11 optaram por outros de forma pulverizada.

Em relação as metodologias (questão que aceitava mais de uma resposta) 97 discentes apontaram a aprendizagem baseada em problemas como metodologia passível de uso no ead. A gamificação foi apontada por 81 dos discentes e o *brainstorming* recebeu 73 indicações dos discentes. A contação de histórias (*storutelling*) foi indicada por 72 discentes. Nesta questão o *design thinking* foi indicado apenas por 3 discentes. Sobre as competências docentes para atuação no mercado de trabalho 101 discentes apontaram o pensamento crítico; 96 indicaram a abertura para o novo e 93 discentes apontaram domínio das novas TICD. Outro ponto que obteve unanimidade foi a relação entre as TICD e o mercado de trabalho, 101 discentes indicaram que a relação é fundamental e seu domínio pode garantir destaque no mercado.

A pergunta sobre como as novas TICD colaboraram para que os discentes pudessem acompanhar as aulas remotas recebeu 96 indicações para a opção essencial; razoavelmente pertinente foi apontado por 3 discentes e 2 discentes indicaram que as TICD não contribuíram em nada para este momento. Em relação as dificuldades enfrentadas pelos discentes para acompanharem as aulas remotas, 86 discentes apontaram a internet como vilã; para 57 discentes a ausência de ferramentas (celular ou computador) foram fatores de dificuldade. Uma resposta interessante para aprofundar foram os 23 discentes que afirmaram ser o ambiente de casa o fator dificultador.

5. Conclusões e/ou Propostas

A pandemia de Covid-19 vem alterando a forma como a sociedade pós-moderna olha para si, para o mundo e para as relações que estabelece com outras pessoas e com instituições sociais. Não poderia ser diferente diante do número de pessoas que vieram a óbito, diante do sofrimento de familiares que nem o adeus final puderam realizar. Hoje quase dois anos depois do início da circulação do Coronavírus, o SARS-CoV-2, podemos projetar que diversas alterações e adaptações pelas quais o mundo vem passando jamais retornaram à “normalidade”.

A migração forçada da presencialidade para o ensino remoto acelerou uma mudança que já vinha em curso desde os anos 2000 com passos vagarosos e sob uma perspectiva única: o paradigma do custo baixo. Embora já consolidada na educação superior, o ensino remoto ainda era um desafio distante para educação básica, porém, a vivência realizada nestes quase dois anos nos revelam que esta mudança poderá entrar na pauta de forma antecipada.

A educação é uma dessas instituições sociais que desde o início da pandemia necessitou se ressignificar para continuar dando respostas para a sociedade. Este estudo buscou realizar um primeiro levantamento, com uso de questionários elaborados no *google forms* e tendo por base a metodologia das perguntas fechadas, buscamos mapear dentro do curso de História o impacto destas transformações.

As respostas quantitativas permitiram traçar um panorama da relação do licenciando em História da Universidade Veiga de Almeida com as novas TICD. A maioria dos licenciandos/historiadores perceberam com bons olhos as escolhas realizadas pela Universidade no processo de virtualização de suas presencialidade, porém a maioria não conseguiu diferenciar através as disciplinas online das disciplinas virtualizadas. Outro ponto crítico tem relação com as dificuldades de acesso, ora devido a conexão de internet, ora pela ausência das ferramentas básicas; computadores e/ou celulares. Este sinalizador demonstra a fragilidade e a vulnerabilidade que a população se encontra quando falamos em uso de internet.

Ainda assim, os licenciandos perceberam que o mercado docente, que já vinha numa trajetória de mudança, acelerou tais transformações de forma radical, impactando nas atuais contratações. O uso das novas TICD na educação podem facilitar a comunicação e aprendizagem porém necessitam ser acompanhadas pela manutenção do pensamento crítico. A pesquisa realizada nos apresentou resultados que ensejaram a vontade de prosseguir e aprofundar a análise dos dados, talvez com uso do método qualitativo permitindo assim um maior diálogo e refinamento das respostas.

6. Referências Bibliográficas

AQUINO et al. Social distancing measures to control the COVID-19 pandemic: potential impacts and challenges in Brazil. IN: **Ciência & Saúde Coletiva**. CIELO: Rio de Janeiro, 2020.

ALVES, Lynn. Educação remota: **entre a ilusão e a realidade**. Interfaces científicas, Aracaju, v.8, nº 3, p. 348-365, 2020

BABBIE, Earl. **Métodos de pesquisas de survey**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

BEHAR, Patrícia Alejandra. **O ensino remoto e a educação a distância**. Rio de Grande do Sul: UFRGS, 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases: nº 9.394**. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. (acesso em: 28/02/2020)

BRASIL. Ministério da Educação/Gabinete do Ministro, **portaria nº 343, de 17 de março de 2020**. Publicado em: 18/03/2020 | Edição: 53 | Seção: 1 | Página: 39.7

BRASIL. Decreto nº 9.057 de 25 de Maio de 2021. In: **Legislação sobre Educação**. Brasília: Edições Câmara, 2019.

LUNACHARSKY, A.V. **Proclamação do comissário do povo para a educação**. In: KRUPSKAYA, N.K. **A construção da pedagogia socialista**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

!

Recebido em Outubro 2021

Aprovado em Novembro 2021